

CONTRIBUIR PARA QUE OS TRABALHADORES EMIGRADOS TOMEM CONSCIÊNCIA DA SUA DIGNIDADE DE HOMENS

Journal pour les travailleurs portugais immigrés.
Sans but lucratif; sans engagement partisan.
Rédigé par un groupe d'animateurs portugais d'associations d'éducation populaire.

★
Siège social: 3, rue récamier
Paris 7
Sécretariat: Foyer-école
9, rue de la Cossonnerie-
Paris 1er

★
Permanences pour les questions sociales tous les jours de 18 à 20 heures.
Samedi et Dimanche toute l'après-midi.

★
Prière d'adresser toute correspondance à:
Jornal do Emigrante-Foyer-école
9, rue de la Cossonnerie, Paris 1

★
Si vous vous intéressez par la promotion socio-éducative de nos compatriotes adressez-nous vos suggestions, vos nouvelles, le résultat de vos réalisations nous serions très heureux de les publier.

Nous vous prions également de diffuser notre journal parmi nos compatriotes de votre entourage et de nous faire parvenir d'éventuelles demandes d'autres exemplaires.

830 MIL PORTUGUESES EMIGRARAM EM 10 ANOS

"O facto da emigração que continua a drenar para o estrangeiro um número sempre crescente de portugueses, põe a igreja (para não falar senão dela) gravíssimas responsabilidades, que várias vezes tem sido recordadas mas de que nem todos ainda tomamos clara consciência, em ordem a uma actuação comprometida e eficaz!
Os homens tem o direito de emigrar, caso queiram mas bom seria que esse direito fosse exercido sem que eles se vissem a tal forçados, por circunstâncias adversas, que facilmente poderiam não existir se conseguíssemos um ordenamento social mais justo."

Eis o que afirmou o bispo de Madarsma no dia nacional das migrações.
O facto é que 1560600 portugueses trabalham no estrangeiro e que destes 830 mil saíram depois de 1960. Só no ano de 1969 houve 150 mil emigrantes segundo as estatísticas oficiais, não contando os clandestinos.

Ainda no passado dia 13 de Fevereiro foram presos em Valência de Alcantara (Espanha) trinte e dois portugueses que tentavam emigrar a "salto".

Parece que isto não serviu ainda de aviso para aquela minoria que governa em Portugal.

(continua página 2)

Neste número

- NOTÍCIAS DE PORTUGAL pag. 3
- NOTÍCIAS DA EMIGRAÇÃO pag. 4
- A GUERRA COLONIAL pag. 5



Em Portugal existe a Guerra Colonial, os impostos, a miséria. O Povo Português sente-se, então, obrigado a emigrar legal ou clandestinamente; em bandos, às centenas. Entretanto, os estrangeiros instalam bases militares e hotéis de luxo com o auxílio do governo português.

Um exemplo

Existe no concelho de Cadaval uma povoação que decidiu criar uma colectividade não só para defesa dos interesses locais como para promover a valorização dos seus habitantes.

Como acontece em tantas localidades do país, carece também Palhais - é este o nome do lugar - do arranjo da estrada que a serve e ainda de esgotos, lavadouro etc. Desejosos de verem satisfeita a realização das suas modestas (mas justas) aspirações, e dado que algumas diligências isoladas não lograram efeito junto das entidades competentes, formaram entre si os habitantes uma comissão destinada a reunir os elementos mais aptos e de maior prestígio, com vista à constituição de um grupo que seja não só o porta-voz dos seus anseios mas também a mola impulsora de actividades culturais e recreativas de inegável interesse.

Foi total a adesão da gente de Palhais a esta iniciativa, que culminou há dias com uma reunião para escolha dos corpos gerentes do grupo, o qual tomou a denominação de União dos Amigos de Palhais.

A reunião compareceu, pode dizer-se toda a gente do lugar, possuída de grande entusiasmo revelador de um espírito colectivo invulgar em iniciativas congêneres. Continua Pag. 2

Há apenas 14 táxis no Barreiro

No Barreiro, conseguir um táxi rapidamente é tarefa difícil, quase impossível. A certas horas, é mesmo um feito notável. Aliás, o facto não espanta, se se disser que, em toda a vila, existem apenas catorze táxis ao serviço. O número é francamente irrisório, pois destina-se a servir uma população de cerca de 100 mil habitantes. Daí, as constantes reclamações dos utentes.

Os proprietários dos táxis dizem que o negócio não dá, o que nos parece inacreditável numa terra tão movimentada como o Barreiro. Além da escassez, regista-se ainda a existência de uma única praça de táxis, quando devia haver várias espalhadas pelo centro e algumas na periferia.

A situação é alarmante, causando frequentes incómodos e transtornos aos habitantes. Trata-se de um serviço de grande utilidade pública e urge, portanto, encontrar uma solução urgente, que venha pôr cobro ao problema.

uito Al-
Ma-
Bar-
em
ando

ma

Le-
ar-
Bap-
a-
ntra-
nha-
junto
dizão
bulão-
os da
ospital
morra-
açã-
Pou-
e que
nte em
tela da
relatório
envidado
levado
atrop-
el, cujo
em fã-

trope-
auto-

lante an-
automóvel
ido (A-
em Pen-
ria de
tias Car-
ar. Paulo
cio e da
atias re-

rtada ao
elo pró-
s de as-
inter-
olos to-

JORNAL DO EMIGRANTE

Chefe de Redacção:
Gilberto Santos Bandeira
Administrador:
Gabriel Raimundo
Director da Publicação:
Moisés Espirito Santo

Comissão de Redacção:
Artur Henrique
Henrique dos Santos
Gil de Sabá
Zé Gil
Orlando Jorge
Francisco Algarvio
Faustino Marimba
Ramiro Antunes
António José dos Santos
Armando dos Santos
Jorge Casal
Domingos Beirão

830 MIL EMIGRANTES

(continuação da página 1)

O governo tem os ouvidos mudos; Nada faz para dar-nos verdadeiras condições de vida no nosso país. E nós emigramos na esperança de encontrar no estrangeiro o pão que nos falta na nossa terra. Será isso justo? Não, amigos, não é. Portugal é rico bastante para acolher-nos a todos, o que é preciso é derrubar essa patrulha de irresponsáveis que nos governa e expulsar o bando de estrangeiros que exploram as indústrias portuguesas. É preciso não ficar de mãos caídas a ver correr o tempo. Mãos à obra e tudo irá ao seu devido lugar.

Gil de Saba

UM EXEMPLO

Continuação da Pág. 1

O facto merece ser realçado, por constituir um sadio exemplo e muito será de desejar que idênticas iniciativas possam surgir, aqui e além, como centros aglutinadores das vontades locais.

Do "Diário de Lisboa"



AS MULHERES NÃO DEVEM SER APENAS AS ESCRAVAS DO LAR

Na nossa sociedade as mulheres são duplamente exploradas: pelo seu trabalho profissional e pelos trabalhos domésticos. Em certos países, como no nosso, as famílias não sentem necessidade em enviar as raparigas à escola, dizendo que para fazer a cozinha ou lavar a roupa não é preciso saber ler nem escrever...

Depois de alguns tempos para cá as mulheres começam a sentir a necessidade de se libertarem da situação inferior em que a sociedade as sujeita. Verifica-se, por exemplo, que as mulheres procuram actualmente entrar nos institutos de ensino, procurarem empregos tradicionalmente reservados aos homens, e entrar em funções administrativas por intermédio de actos eleitorais.

R
U
S
G
A



do
N
O
R
T
E

"OS FILHOS DA ALEGRIA"

O QUE SÃO CLUBES DE JOVENS

Um clube de Jovens é uma associação que agrupa os jovens — os adultos — duma região e que organiza as suas actividades recreativas e culturais em determinada localidade:

Aqui transcrevemos uma pequena entrevista com o animador do Clube de Jovens Portugueses de Trappes, recentemente criado;

Jornal do Emigrante — qual foi a razão por que pensaste animar um Clube de Jovens em Trappes?

Animador — Porque somos muitos portugueses nesta região e que nos encontramos à balda. Alguns partiam todos os sábados e domingos para Paris... Foi então que eu achei bom organizar qualquer coisa com os nossos compatriotas.

J. do E. — que é que pensas fazer no teu Clube?

Animador — Até agora fizemos algumas sessões de cinema. Mas não pensamos ficar por aí: a gente vai também organizar toda a espécie de actividades culturais e desportivas não competitivas

J. do E. — Por que não competitivas?

Animador — Porque nós queremos que o desporto sirva para criar a amizade e não a rivalidade, o que acontece com o desporto profissional.

J. do E. — Vocês têm alguma ajuda da "Mairie"?

Animador — Não. A "mairie" cede-nos de vez em quando o salão municipal. Os nossos amigos da Federação das Associações e Clubes de Jovens Portugueses de França auxiliam-nos em questões de empréstimo de material assim como na organização dos programas.

J. do E. — Costumam ter muita gente na sala?

Animador — Algumas centenas.

J. do E. — Para onde vão as receitas?

Animador — Temos algumas centenas de francos em caixa que vão servir para as despesas futuras.

J. do E. — Que pensas fazer no domínio cultural?

Animador — Em primeiro lugar pensamos criar uma biblioteca para a divulgação da literatura progressista luso-brasileira.

J. do E. — Que pensas do Jornal do Emigrante?

Animador — Penso que ele responde às necessidades dos operários portugueses emigrados. Mas tenho algumas críticas a fazer...

J. do E. — Venham elas!

Animador — Suponho que o Jornal dá respostas demasiado depressa: quero dizer que, a meu ver, ele devia permitir que os leitores tivessem por eles mesmos as conclusões.

Se estás interessado em que haja na zona onde habitas um Clube ou associação de jovens, escreve ao nosso Jornal. Nós te ajudaremos a criá-lo. Ou então... passa um dia qualquer a visitar-nos das 18 às 20 horas, todos os dias

Conhecem vocês a Rusga do Centro Português do Norte — "Os Filhos da Alegria"?

É natural que não conheçam.

Tem apenas 5 meses. Alguns deles nunca vieram a Paris. Quando eles nos vierem visitar, não vêm, no entanto como simples turistas; cada um com o seu instrumento e todos juntos sob as ordens do José da Silva ou do Francisco Castro, a Rusga do Norte faz-nos não só apreciar a boa música popular portuguesa, como também dançar um bom bocado.

A Rusga do Centro Português do Norte — "Os Filhos da Alegria" prova bem que quando nós queremos fazer qualquer coisa de bom e útil só é preciso boa vontade e um pouco de sacrifício.

Desporto

Os Jornais desportivos portugueses trouxeram-nos a notícia da desordem que opôs adeptos do clube de Benavente e do Amiensense durante uma partida de futebol que estas duas equipas disputaram. Nos acontecimentos estão implicados um dirigente do Benavente, que a polícia deteve para averiguações e o delegado ao jogo do Amiensense que o dirigente do Clube adversário acusa como sendo o verdadeiro causador da desordem.

Sabe-se que houve cabeças rachadas, braços partidos, enfim, um festival!

Neste país em que o desporto se transformou em mercadoria, em que as multidões são excitadas nas suas paixões por indivíduos sem escrúpulos e capazes de tudo para chegarem aos seus fins, é sempre de temer que tais desordens se produzam.

O desporto hoje está sujo, porque os interesses económicos de certos indivíduos fizeram dele uma máquina de fazer dinheiro.

É a hora de os verdadeiros desportistas se irmanarem para restituírem ao desporto a sua missão de aperfeiçoamento físico e moral.

Orlando Jorge

TAMBÉM A LAVOURA...

...Foi autorizada a importação de batata de semente para a próxima campanha. Os termos em que estas autorizações foram concedidas não diferem substancialmente dos habituais. Isto vem demonstrar que continua pendente um problema grave, que afecta muitos milhares de lavradores. Continuam, em armazéns geralmente improvisados, milhares de toneladas de batata da última colheita. O regime de comercialização revelou-se desastroso para o produtor e só a apatia, a descrença, a ignorância da maioria dos lavradores não fez incidir sobre este caso a atenção do País, sobretudo dos governantes que devem tomar as providências devidas. Porque, verifica-se quem ler os despachos que autorizam aquelas importações, o círculo vicioso mantém-se. Os preços elevados da semente, da mão-de-obra, os adubos e insecticidas não sofrem redução. A compra ao produtor - setenta centavos a um escudo o quilo - revela as lacunas de uma organização que nem muitos anos de queixas e reclamações justas consegue desanquilar. Disse o senhor presidente do conselho que a Lavoura não pode viver eternamente à sombra do protecçãoismo estatal. Estamos de acordo que cessem as regalias - tantas vezes conseguidas por influências pessoais ou políticas - de alguns que contam com os subsídios, os empréstimos, os favores do estado para continuarem a vida folgada. Mas neste caso da batata dá-se precisamente o contrário. O produtor continua a pagar taxas absurdas, tais e tantas que um saco de batata-semente, desalfandegado em Lisboa por 105\$ custará ao lavrador quase três vezes mais. No que respeita à sementeira é assim. Na venda será pior. Que o digam quantos têm ainda batata para vender ou tiveram que vendê-la com grandes prejuízos. Dizia há dias um rendeiro, homem diligente e capaz: "Isto só tem um remédio - a França!" Parece que os factos se apostam a dar razão ao desesperançado lavrador; (Jornal do Fundão-6-12-1970) Não, senhor redactor do "Jornal do Fundão", os factos não dão razão ao "desesperançado lavrador", estes dão antes razão ao presidente do conselho. A França não é o paraíso, como muita gente julga. As centenas de milhares de emigrantes podem dizer-lhe isso. O remédio para esta situação está em os lavradores não esperarem ajudas de nenhum messias, está na sua união e na sua revolta. Que os camponeses se unam, que osem opôr-se a estas medidas arbitrarias do estado e a situação vai mudar. O problema é grave e difícil de resolver, mas querer é já poder. Artur Henrique



Quem adivinhar que este desfile de "fardas verdes" é para a inauguração duma universidade ganha um ponto. Como diz uma das pancartas certos professores foram expulsos assim como alguns alunos. Não é de estranhar pois era preciso dar lugar aos senhores de capacete e metralhadora na mão.

A Universidade continuará a abrir-se a uma minoria

- DISSE O DOUTOR VITAL MOREIRA -

e continua o ministro Veiga Simão... "É doloroso ver os dias passar sem se ocorrer com a presteza e eficácia necessárias à solução de questões imperiosas que é preciso resolver. No nosso país, tudo se agrava ainda porque o ministério da educação nacional, apesar da complexidade e imensidade dos problemas educacionais, humanos e materiais, pedagógicos e administrativos, mantém uma estrutura quase familiar, de casa pequena inundada por problemas e sem os comandar com precisão, mau grado a dedicação ilimitada dos seus servidores..." Sim, o senhor ministro e os seus servidores não têm tempo a perder com o que respeita aos problemas da minoria que tem acesso à universidade, que são muitos. E o Povo, então? E o trabalhador? Quando terá acesso ao ensino o filho do operário e do camponês, vítima destas sanguessugas, que passam o tempo em banquetes e conferências que terminam todas com abraços e palmas? afirmando hipocritamente que o tempo é pouco mantendo, apesar de tudo, uma estrutura quase familiar? Sentimo-nos nós trabalhadores, emigrantes, dentro desta família de vampiros que nos chupam até à última gota do nosso suor? Até quando permitiremos isto? Henrique dos Santos

FLORES A MORTOS

"É facto de observação corrente a existência de actividades profissionais implicando um desgaste, digamos assim, prematuro nos trabalhadores que nelas se ocupam. Refiro-me, nomeadamente, ao que acontece com os mineiros, a quem a silicose continua, apesar de tudo, a desgastar mais rapidamente que em profissões sujeitas a condições menos agressivas. Ao ministério das corporações e previdência social dirijo um apelo no sentido de, para o caso concreto dos mineiros sujeitos aos perigos da silicose, ser estudado o abaixamento da respectiva idade mínima de reforma, por exemplo para sessenta anos." Este apelo saiu da boca dum senhor deputado da assembleia nacional. Por causa dele este senhor deputado julga-se um grande amigo dos mineiros, e pode ser que até se julgue um bem-feitor. Também se pode dar o caso de que algumas pessoas habituadas a não ouvirem falar em reforma a não ser para os funcionários do estado se sintam com inveja dos mineiros. Desiludamo-nos, amigos. Este senhor deputado não é nenhum pai-natal para os mineiros. Se não sabem o que isso representa de falsidade perguntem a um mineiro. Trabalhar numa mina é mais duro do que muita gente julga. Hoje as pessoas gostam muito de fazer floreios com as palavras. Toda a gente sabe, ou devia saber, que um mineiro que começa a trabalhar aos vinte e quatro anos nem aos quarenta chega, quanto mais aos sessenta. Desiludamo-nos pois e não permitamos que

nos deem cinza nos olhos. Reforma aos sessenta para os mineiros é um crime, é um assassinato. A proposta do senhor deputado é o mesmo que dizer: "levemos flores aos mortos". Se os mineiros não procurarem outro hospital, dali também não sairão curados. Gilberto dos Santos Bandeira

ACÇÃO DE DESPEJO PARA UMA MULHER COM SETE FILHOS E DOIS NETOS A SEU CARGO

Uma pobre mulher com sete filhos e dois netos a seu cargo recebeu recentemente, uma notícia que a lançou no maior desespero e para a qual não encontra defusão possível: uma acção de despejo da barraca onde vive, por não conseguir reunir o dinheiro suficiente para pagar rendas atrasadas. Chama-se Maria do Carmo Martins Marques Pinto e mora numa barraca da Quinta da Musgueira, Rua R. n.º 18 (ao Lumiar), pela qual paga (deveria pagar) dez escudos por mês. Simplesmente, em vinte e três meses, nunca conseguiu juntar o dinheiro suficiente para satisfazer o contrato. Foi, então, chamada à Câmara Municipal de Lisboa, onde foi avisada que lhe seria movida acção de despejo, caso não pagasse as rendas atrasadas. Rendas essas que, aliás, não se reformam apenas àquele casa-mas, também, a uma outra barraca onde vivia antes, incluindo juros, a Maria do Carmo deve, portanto, à Câmara Municipal cerca de 2.200\$00. Quantia que deve entregar nos serviços respectivos, até segunda-feira, sob pena de despejo. E para onde irá com os filhos e netos? Como conseguirá reunir esse dinheiro?

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS) 6-2-1970

PÓVOA DO VARZIM

Há tempos as autoridades marítimas, resolveram modificar o estilo e os locais de venda do peixe na praia da Póvoa de Varzim. Isto para que os pescadores não se dessem conta das traficâncias que se fazem nestas vendas. Propunham as autoridades como isca aos pescadores um sistema de Previdência Social que - segundo diziam - dava direito a abono de família e a assistência médica. Ora os pescadores não viram o facto do mesmo modo e recusaram acatar as ordens da guarda marítima. Reuniram-se então as mulheres dos pescadores e destruíram as instalações que as autoridades tinham feito montar para a venda do peixe. A decidida vontade dos pescadores desconcertou a guarda marítima e só o uso da força conseguiu levar os pescadores a aceitarem a vontade das autoridades portuárias. Mais uma vez o governo recebeu um aviso de que não deve brincar com o povo português, porque este não estará sempre pronto a aceitar-lhe os caprichos. Mais uma vez foi preciso o emprego da força. Eles foram ainda os mais fortes, mas dentro em breve vão unir-se todos os operários, os camponeses e os pescadores, enfim os trabalhadores e a história será outra. Zé Gil



* «Surpreende-me que ainda existam nesta sociedade que hoje se pretende «de consumo em massa» quem receba 500\$00 ao mês para exercer mister de auxiliar de limpeza das escolas primárias de Portugal. Será com tais remunerações que poderemos contrariar o apelo da Europa e outros espaços para a emigração de muitos dos melhores de entre nós? - afirmou a certa altura o dr. Alberto Alarcão.

Correio dos leitores

Tendo oportunidade de ler o vosso jornal, desejo tornar-me assinante.

Queiram fazer-me o favor, de me enviar as condições necessárias para assim eu poder estar a par de todas as verdades! Rogério Manuel-Le Vesinet.

... O vosso Jornal caiu aqui como uma bomba! vocês devem metê-lo mas é em Portugal.

André C. (Roubaix)

Foi hoje aqui recebido em Argel o número de Fevereiro do Jornal do Emigrante. Bom aspecto gráfico, algumas inovações que são bastante felizes... De felicitar a simplicidade do fraseado sem pretensões ridículas de intelectualismo, e um certo estilo jocoso, tão do agrado do nosso povo.

Peço-lhes pois que continuem na mesma orientação, pois é aquela que mais pode tocar as massas...

Prossigam pois, que não terão que arrepender-se do bom trabalho que estão fazendo, se prosseguirem na mesma orientação.

.....
Manuel Teixeira Ruela-Argel

Agradecemos a todos os nossos leitores que, simpaticamente, nos dirigiram as suas opiniões, as suas críticas ou ideias. Aqui lhe enviamos este número que, pensamos, corresponde já, às suas aspirações.

Uma família feita ilha

Chegaram numa noite fria e ficaram como que perdidos no átrio inóspito da grande estação, sentaram-se nas malas que traziam e colocaram a frente uma muralha frágil de embrulhos, cestos e cabazes, unico reduto que lhes restava. Os seus breves companheiros de viagem desapareciam: aos poucos, conhecedores ou não dos caminhos da cidade, mas a família ficara ali, feita ilha, a digerir uma indecisão ou um arrependimento irremediável.

Para trás tinha ficado toda uma vida cortada por muitas horas em sulavancos de segunda classe, anos e meses e dias de esperanças diluídas, assecas, as incertezas, as revoltas afogadas no livrinho de capa negra dos fiados (que crescia, crescia, crescia...) e, finalmente a decisão, a fuga para um país desconhecido e distante, onde um parente próximo ou afastado dizia, em cartas custosamente decifradas, haver trabalho, dinheiro, esperança, enfim, qualquer coisa...

Vieram. Embarcaram a meio da tarde numa carruagem já superlotada, pai, mãe, dois filhos, vagamente assustados e vagamente arrependidos, olhos mortiços sem força para sonhar. E ficaram depois à espera do parente que os entusiasmou a virem, até que se acharão num bairro escuro. Vieram para ficar. Porque o regresso deixará de ser possível ou será, quando muito, bastante difícil.

E continuam a chegar todos os dias, com mais ou menos esperança, mais ou menos resignação, mais ou menos desespero, do norte ou do sul do país, perseguindo a miragem que não conseguiram realizar na terra que deixaram. David Lopes - em o Diário de notícias



OS DIRECTORES DOS JORNAIS SUBSIDIADOS PELO GOVERNO TIVERAM UMA NOVA REUNIÃO. FALOU-SE DE NEGÓCIOS ...



Um aspecto da reunião

Quem paga estas jantaradas? Quem enche estas barriguinhas e recebe em troca palavrinhas de mel e peçonha? O nosso Povo em chagas é que serve de combustível aos donos do país que nos pertence e aos seus propagandistas, como os que se vêem na foto: os directores do "Correio Português", do "Portugal Popular", do "Notícias de Portugal", de "O Emigrante" (não confundam com o "Jornal do Emigrante"!), de "A Capital", de "A Voz de Portugal", além do representante da TAP em França - enfim, a família dos vampiros portugueses.

Ah! Se esse combustível se desvia dessas barriguinhas e se incendia... as línguas estilhaçadas não poderão enganar mais a alma.

EMIGRAÇÃO

O SECRETARIADO NACIONAL DA EMIGRAÇÃO chama a atenção dos trabalhadores para os riscos a que nos países de destino se sujeitam, e a que sujeitam as suas famílias, quando emigram clandestinamente.

O SECRETARIADO NACIONAL DA EMIGRAÇÃO aconselha aqueles que pretendam emigrar a inscreverem-se nos Centros das Divisões Regionais do Serviço Nacional de Emprego, pois as suas pretensões serão consideradas à medida de que se disponha de contratos de trabalho para o efeito.

É preciso ter-se lata! Como se a gente que vem a salto não gosta por gosto da aventura! Lembrar-se a gente das passadas que é preciso dar, dos dias e noites perdidas, do dinheiro gasto, das bichas sem fim a que temos de nos sujeitar, das más respostas dos funcionários emproados, das dores de cabeça e de estômago antes que um passaporte nos caia nas mãos...

Eh secretariado da emigração! Se vocês se preocupam tanto com a gente, com os riscos que corremos por cá, então porque é que não criam condições de vida decente no nosso próprio país? Vocês pensam que a gente tem gosto em vir conhecer o estrangeiro, em fazer de turistas como os da carteira abarrotada? Não é a França ou a Alemanha que nos interessa, nós também temos uma terra nossa. Vocês é que a empenham e vendem a retalho aos comilões que não se contentam em nos roubar o pão na casa deles, vão ajudar a sugar o que é nosso em nossa casa. Se vocês não lhes estendessem a mão e se entendessem à sociedade, nós estaríamos neste momento a comer o pão amassado com as nossas mãos e criado na nossa própria terra. O negócio da emigração aproveita é aos patrões de parte a parte e ao secretariado da emigração. Não nos atirem mais farelo para os olhos, por favor! O carnaval foi no mês passado!



A GUERRA COLONIAL

Soldados portugueses desertam aos milhares da guerra nas colónias de África. No intuito de melhor informar os trabalhadores portugueses, em França, sobre as formas de repressão postas em prática pelas tropas portuguesas, contra os nativos, o Jornal do Emigrante propôs-se pedir a opinião destes soldados que abandonaram a guerra colonial, para não serem culpados de crimes com os quais não estão de acordo!

Pediu, pois, o Jornal do Emigrante a opinião de alguns deles e não só neste número mas também nos que se lhe seguirão vai dar-vos a conhecer as razões que os levaram a desertar!

Um «Comando» revela:

Jornal do Emigrante—Como te chamas?

Desertor—Armando dos Santos.

J.E.—De onde és?

D.—Da Covilhã.

J.E.—Quando desertaste e que fazias na tropa?

D.—Fez dois anos em Dezembro. Desertei no fim do ano de 1968.

Na tropa fazia parte dos comandos especiais.

J.E.—Onde te encontravas quando desertaste?

D.—Em casa, de convalescença.

J.E.—Porque razão? Doença contagiosa?

D.—Foi devido à explosão de uma garrafa de ácido. Eu e os quatro camaradas do grupo de combate a que pertencíamos, armazenávamos o ácido para a preparação dos explosivos — 808 e amenal. Eu levava cinco garrafas abarcadas com as duas mãos quando uma delas se me escapou. Imediatamente me abaixei para ver se a podia agarrar; nesse momento apanhei com os estilhaços na cara e na vista esquerda.

J.E.—É por isso que usas óculos?

D.—Sim. Porque fiquei inutilizado dessa vista. Fiz uma operação e estive no hospital militar de Luanda durante mês e meio, e no de Lisboa dois meses e meio.

J.E.—Que sentiste ao ver-te internado e rodeado de médicos com "amarelos" e enfermeiros de divisas?

FAZER ESTÁGIO

D.—Desde o princípio me deu vontade de esbofetear os médicos militares que vão fazer estágio no corpo das vítimas que lhes caem debaixo das mãos. Até no falar se vê que fazem dum homem um macaco.

J.E.—Conta-nos algumas cenas que presenciaste nos hospitais militares?

D.—Estou a lembrar-me da operação dum camarada, o qual tinha um olho dependurado, enquanto os médicos se riam de vê-lo chamar-lhes filhos da puta e mandá-los aprender a fazer operações, à escola. Recordo-me ainda que um cabo completamente bebado me deu uma injeção estragada e tive de andar três horas sem poder mover a perna.

J.E.—Viste muitos soldados feridos, no hospital militar?

D.—Só em Luanda havia dois mil, e em Lisboa cinco mil.

J.E.—Qual o estado de gravidade dos seus ferimentos?

D.—De ferimentos ligeiros eram apenas uns duzentos, os outros estavam praticamente inutilizados. Uns sem braços, outros com o corpo furado das balas. Alguns queimados por bombas e outros com pedaços de borracha na cara para tapar os buracos. Muitos eram enviados para a Alemanha fazerem operações. Muitos cegos, devido ao rebentamento das minas; outros sem pernas, em cadeiras de rodas, que no dia treze de Maio eram levados em passeio higiénico até Fátima, à espera do milagre dos coxos.

UMA BOLA DE FARRAPOS

J.E.—Como foste parar aos comandos? Foste como voluntário ou foste obrigado a ir para lá?

D.—O soldado na tropa é como uma bola de farrapos que se atira para o caixote do lixo. No fim da especialidade fizemos umas provas físicas e foi aí que nos escolheram. Fomos formar companhia ao B.C.5, em Campolide. Passado quinze dias fomos despachados para Angola.

J.E.—Já tinhas a ideia de desertar antes de partires para o ultramar?

D.—Nessa altura, em 1966, nas casernas por onde passei não encontrei ninguém que me permitisse desertar. O meu pai morreu quando eu andava na escola, as minhas irmãs estão casadas, por isso a minha mãe nunca quis que eu a deixasse sozinha.

J.E.—Não tinhas facilidade para contactar com os nacionalistas africanos?

D.—Infelizmente era difícil: só a duzentos quilómetros donde estávamos é que se encontrava a fronteira, em Noqui e Maquela do Zombo, onde os Angolanos atacavam os acampamentos portugueses.

J.E.—Achas que a guerra nas colónias seja justa e que o povo português ganha alguma coisa com ela?

D.—Eu penso que é uma guerra criminosa e que o povo só perde com ela. São os filhos do povo quem vai morrer e são os ricos quem recolhe os frutos. É sempre a mesma história, eles comem todos na mesma mangedeira.

(Entrevista recolhida por GABRIEL RAIMUNDO)

10 NACIONALISTAS DO MPLA EM JULGAMENTO

Em Lisboa, abriu-se no passado dia onze de Fevereiro, o julgamento de dez nacionalistas Angolanos. Entre eles corta-se o padre Joaquim Andrade e duas mulheres.

Quem é este padre e de que é acusado?

Ordenado em 1948, foi enviado para Roma para continuar a estudar. Quando voltou, com dois doutoramentos, foi posto na catedral de Luanda. Começa, então, a defender as pessoas simples e pobres. Denunciar o facto que só 1,9% das pessoas de mais de doze anos saiba ler e de que haja apenas um médico para 18177 habitantes. Por causa disso foi transferido para uma aldeia de pescadores.

O governo impediu que fosse nomeado presidente da Liga Nacional Africana. Dois anos mais tarde recusa-se a fazer um discurso de boas-vindas ao governador Sá Viana Rebelo.

Preso em 1960, passa torturas nas prisões de Luanda, Aljube e no campo de concentração de S. Tomé e de novo Aljube. O papa conseguiu que ele fosse libertado em 1968. Foi de novo preso em 1970 e metido no forte de Caxias.

Milhares de pessoas escreveram ao cardeal Cerejeira e ao embaixador de Portugal em Paris, pedindo que o padre Joaquim de Andrade e os outros nacionalistas fossem libertados.

(Le Monde)

TESTEMUNHO

O advogado francês Christian Revon que assiste ao julgamento escreve: "Em Portugal as investigações são sempre feitas pela polícia, que possui tais regalias que até pode privar o acusado de ver o seu advogado durante seis meses. A polícia faz os seus interrogatórios sem deixar descansar as pessoas, durante e mais horas—a isto se chama a "tortura do sono". Oito homens e duas mulheres são acusados de quererem tornar Angola independente—mas não se conhece nenhum acto violento que eles tenham praticado. Tudo o que se sabe é que a polícia os espancou para lhes tirar declarações que a polícia deforma. Por exemplo: um que enviou 1000 escudos a um amigo que estava em Paris, a polícia diz que foi para o Movimento Para a Libertação de Angola. A polícia chegou a inventar ligações entre Angolanos presos em Outubro de 1969, em Angola e jovens portugueses, presos em Janeiro, em Lisboa. Todo este processo é uma paródia."

(Le Monde 24-2-1970)

Mais 60 000 contos para as Forças Armadas em Angola

LUANDA, 8. — Um crédito especial de 60 000 contos, destinado a reforçar verbas da tabela de despesa ordinária no orçamento de Angola, atribuídas às Forças Armadas, foi agora aberto, na Direcção de Fazenda e Contabilidade. — (L)

O povo Moçambicano aprendeu a servir-se das armas para defender a sua terra.



MASSACRE DE CRIANÇAS

Nas regiões libertadas da Guiné, nas aldeias de Tambico e Iador, existiam duas escolas, onde os guerrilheiros do P.A.I.G.C., aqueles a quem o governo chama terroristas, ensinavam as crianças a ler e a escrever em Português.

Mas Tambico e Iador são agora apenas cinza e destroços. Em nome da civilização cristã aviões da FORÇA AÉREA PORTUGUESA bombardearam as escolas.

15 Crianças mortas e 25 feridas!

Em nome da civilização cristã, sob os ordens do General António Spínola e sob a responsabilidade do governo de Marcelo Caetano.

Há verdades que são incómodas. Mas o povo tem de as saber. Em Iador e Tambico aviões portugueses praticaram crimes de guerra que envergonham o nome de Portugal, assassinando crianças cujo único crime era de aprenderem a ler e a escrever Português em duas escolas do P.A.I.G.C.

Quando morrem inocentes ninguém se pode considerar inocente. Ninguém se pode calar. O nosso dever é denunciar estes crimes, é protestar contra os crimes de guerra, é procurar saber a verdade e dizer ao povo a verdade sobre a guerra colonial.

Talvez seja mais cómodo não querer saber mas é preciso saber e é preciso agir. Porque estes crimes são praticados em nome de Portugal.



Os comandos ensinam as crianças a atirar sobre os seus irmãos de raça.

Na fotografia vemos o desertor entrevistado na página anterior.

ADVOGADO NA PRISÃO

Domingos António Mascarenhas Arouca é o único licenciado em direito, negro, de Moçambique. Foi condenado pelo tribunal militar de Lourenço Marques a 4 anos de prisão maior e medidas de segurança de internamento. Encontra-se a cumprir pena, há 5 anos e meio, tendo estado na cadeia de Peniche, para onde o transferiram ~~pelo~~ Lourenço Marques. Sofreu uma longa prisão preventiva de 2 anos e 2 meses; prisão essa que nunca lhe foi contada por inteiro, apesar de terem sido publicadas posteriormente à sua prisão dois decretos concedendo essa regalia.

O estado de saúde de Domingos Arouca é muito precário: já foi submetido a duas intervenções cirúrgicas e está na iminência de ser sujeito a terceira. Por esse motivo se encontra na prisão-hospital de Caxias.

A propósito de...

SESSENTA HELICÓPTEROS ABATIDOS NO LAOS

Não contentes em manterem durante anos, uma guerra criminosa contra o povo do Vietnam, os americanos resolveram agora invadir o Laos. Este país situado no extremo oriente, foi antigamente uma colónia francesa, mas através duma luta destemida obteve a sua independência. Querem agora os americanos, substituir-se aos franceses e escravizar o povo. Este, no entanto, sabe opôr uma resistência que nunca os americanos tinham podido esperar.

A provar isso aí estão os sessenta helicópteros que as forças populares abateram no espaço de onze dias.

Que o facto sirva de aviso. Ninguém pode brincar com o povo porque o povo saberá sempre vencer.

ANGOLA NÃO É NOSSA

nem é minha
nem é tua
nem de quem
habita nesta rua

angola não é nossa
angola não é nossa

pela força
é duns poucos
pela lei
é duns outros

angola não é nossa
angola não é nossa

angola terra d'áfrica
terra negrinha
é do preto
que a tem arranjadinha

angola não é nossa
angola não é nossa

angola terra de oiro
é dos colonizadores
que a devoram
e enchem de pavores

angola não é nossa
angola não é nossa

um dia
angola há-de ser
pela força e pela lei
do povo que aí nasceu

angola não é nossa
angola não é nossa

*Gilberto dos Santos
Bandeira*

ÁFRICA:

Depois de quatrocentos anos de escravatura, os povos de Angola, Guiné e Moçambique ergueram-se como um só homem pela sua libertação. Nada poderá parar a marcha dum povo quando um dia ela pensa em libertar-se. É a maior lição que a história nos dá.



«AGITAÇÕES PARA ENFRAQUECER AS FORÇAS ARMADAS»

As autoridades portuguesas tem por vezes sonhos e até pesadelos. Não é sempre sem razão porque como nos mostra este soldado muitos soldados portugueses descontentes com o que veem resolvem desertar.

Queridos pais:

Não posso aguentar mais as bestas dos oficiais e sargentos. Não posso contribuir numa guerra criminosa contra o povo da Guiné.

... tomei uma resolução bastante honesta: vou desertar. Sei que serei bem acolhido pelos que lutam pela sua independência...

... Um dia hei-de ajustar contas com aqueles que me obrigaram a vir para cá!



OS INTERESSES BELGAS EM ANGOLA

BRUXELAS, 15. — «Não devemos esquecer que os interesses belgas em Angola são antigos e não negligenciáveis. Situa-se, essencialmente, no domínio petrolífero, nos diamantes, nas tintas e vernizes e nos cimentos, escreve, em Bruxelas, «L'Echo de la Bourse», que prossegue: «Sendo assim, não se devem ignorar os serviços belgas no Portugal ultramarino, muito especialmente em Angola. Os nossos investimentos nessa província, em particular os das grandes sociedades, vão continuar e aumentar. E isso deve dar confiança a outros sectores da nossa economia.»

A maneira de repensar a nossa atitude, escreve depois «L'Echo de la Bourse» «consistirá, sobretudo, em nos apresentarmos no mercado de Angola, não tanto para vender, como para investir. As autoridades portuguesas estão dispostas a conceder alíquotas muito especiais a iniciativas no domínio da electro-siderurgia, da montagem de automóveis, da electrometalurgia, do alumínio, da pasta de papel, das indústrias químicas e farmacéuticas e, da construção naval.»

As mesmas autoridades apoiarão, também, instalações para o fabrico de leite em pó de margarina, de conservas, não só de peixe, mas também de carne e de fruta, de sabão, de detergentes, de tecidos de algodão e de fibras sintéticas, de máquinas-ferramentas, de «pilhas eléctricas de papel e de vidros.» — (ANI)

Diário de Notícias

QUER CONHECER TMA P...

Cristãos adoptam o socialismo

"Cristãos de várias confissões, aqui estamos para exprimir em conjunto a nossa fé em Jesus Cristo que nós queremos fazer viver na nossa sociedade. Em colaboração com os nossos irmãos orientados no mesmo sentido, nós lutamos e tomamos partido por uma sociedade justa. Isso quer dizer que nós nos pronunciamos contra o sistema capitalista em todos os seus aspectos: económico, político e cultural."

Foi esta a profissão de fé que adotaram, no fim do mês de Fevereiro algumas centenas de Cristãos reunidos em Namur (Bélgica), representando as comunidades religiosas de todo o país.

Um padre Jesuíta, professor universitário, declarou que os homens não devem ser empregados como simples instrumentos da produção e do consumo.

A assembleia dos Cristãos denunciou a cultura administrada nas escolas e nos organismos públicos na medida em que ela é feita para perpetuar o domínio de uma classe social sobre outra, quer dizer os ricos sobre os pobres.

Os cristãos aí reunidos denunciavam a medicina actual porque ela está orientada no sentido do lucro. Declaram eles também que a Igreja Belga, como de muitos outros países, está radicalmente agarrada ao estado e que é um suporte dele. Essa Igreja é uma das causas da continuação dum sistema social injusto e baseada na diferenciação de classes.

Eles declaram por fim:

"Nós acreditamos em Jesus Cristo porque no nosso tempo os oprimidos libertam-se; os cegos começam a abrir os olhos; os que se calaram durante séculos começam a ter a palavra; os abandonados da sociedade começam a sentir a força da solidariedade. A boa nova, a justiça, é, a partir de hoje, anunciada aos pobres. Nós esperamos um homem novo, que nós reconhecemos em Cristo, e saudamos desde hoje todo o combatente da justiça e da liberdade!"



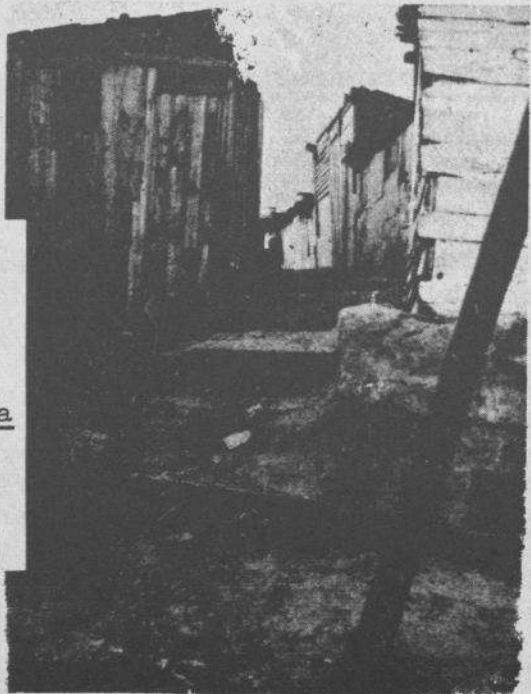
O Ministério da Justiça ofereceu a Leiria uma estátua de D. Afonso III

ALMEIDA

Um amigo nosso, de Leiria, enviou-nos este desenho:

De facto, como ele diz, gastam dinheiro em estátuas e nada fazem para alojarem os trabalhadores...

A justiça, em Portugal, é de pedra, como a estátua do velho rei.



DOIS POEMAS DE:

A ILUSÃO DOS CAÍDOS

Era um rosto vermelhão
um carvalho teso
aquele cadáver
ali mordendo
a terra calada
mãos desprendidas
do punhal

aquele além
era um rapagão
enxada de sol a sol
alimentava os velhotes
os irmãos os avós
enrolado como um trapo
a noiva não o reconheceu
o pobre...

... a pátria a civilização
a religião a paz o progresso...
(sempre o mesmo estrume
daquelas cloacas manhosas)

oh não camaradas não!
é tempo d'acordarmos:
nada de pátrias civilizações
religiões progressos
nem paz - chega d'ilusões

a paz dos negociantes
não nos interessa

negociantes de gado
pró matadouro negociantes
do ferro do café de petróleo
negociantes de vidas pobres
negociantes das nossas vidas

levei vossa paz
pró céu gozai
da civilização nos desertos
que nos prometeis

desaparecei!

ou continuai:
a nossa guerra há-de chegar
a nossa guerra há-de engrossar
com o ferro das vossas armas
havemos de derrubar o vosso mundo
d'ilusões prometidas mundo
de promessas não cumpridas

nós construiremos
o Mundo Livre dos nossos filhos.

A VASSOURA E O PATRÃO

O sol abriu um olho
novo dia lá vem
no meio das ruas massacradas
corremos estremunhados
rumo à prisão do patrão

a vassoura o balde a alavanca
a pá o martelo o camião
os instrumentos esperam calados
as marcas da nossa mão

trabalhai trabalhai dai dai
os sorrisos das dentuças afiadas
canivetes prontos a esfarrapar-nos
as carnes os ossos as entranhas
vão chegar esmaltados
o patrão tem os dentes afiados

há quilómetros de produção
tecidos à chegada do patrão

os chefes são ganhões profissionais
ferrão na mão

deixam no operário marcas fatais
o milho também empanturra pardais

tempo virá certeza temos
em que os poderes se trocarão
o carrocel anda à roda
o patrão será rifado
prémio somenos
tapete d'escarros no chão

o patrão será a vassoura
que agora nos caleja a mão
o patrão será a caixote do lixo
que hoje nos rompe as costas

o patrão dentuça a reluzir
sabe é mentir esse cabrão
o patrão deixará d'existir

trapo a limpar o chão
deixará de s'inventar razões
d'existir o patrão
lixo p'lo chão o patrão
será cinzeiro p'ra gente cuspir
cinza apagada p'lo chão
o patrão morrerá o patrão
não voltará a vir

o patrão não resuscitará

ja bastou Cristo
e não era patrão

o patrão será um cisco
ninguém lhe valerá nenhum ministro
só o Poder do Povo reinará!

Gabriel Raimundo

LER..

"CANTO DO PAPÃO LUSITANO" - de Peter Weis

"O CANTO E AS ARMAS" - de Manuel Alegre

"DE PUNHOS CERRADOS" - de Gabriel Raimundo
(Edições "JORNAL DO EMIGRANTE")

... OUVIR

"ELEGIA" - por Padre Fanhais

"TROVA DO VENTO QUE PASSA" - por Adriano Correia de Oliveira

Escrevam a pedí-los ao "JORNAL DO EMIGRANTE"
Foyer-Ecole, 9 rue de la Cossonnerie - Paris 1er

jornal do emigrante

É um jornal da emigração portuguesa. Sem compromissos com a polícia, nem com os bancos, nem com os patrões.

É por esta razão que não aceita publicidade.

Vive da venda e de actividades culturais que promove nos núcleos da emigração.

ESCREVE-NOS! ENVIA A TUA OPINIAO!

Ginásio numa escola convertido em armazém

Évora não desdenha as suas velhas tradições escolares, mas quer caminhar a par com o progresso, e nesse sentido tem trabalhado. Ora, na escola do ciclo preparatório André Resende existem 1.100 alunos. Instalada nas antigas dependências da escola técnica, parece que não haveria motivos para apontar qualquer falta nas suas condições de funcionamento. Não acontece assim, porém, e o que é extraordinário, embora quase risível, é que o seu ginásio esteja atravancado de carteiras velhas, privando os alunos das aulas de educação física.

Os encarregados de educação, legitimamente preocupados com o facto, solicitaram ao ministro da educação nacional as medidas necessárias, isto é, pediram-lhe, nem mais nem menos, que não permitisse por mais tempo que uma causa tão insignificante originasse tal prejuízo. (Diário de Notícias, 15 - 2 - 71)

Sim, o progresso está à vista: escolas, institutos, liceus, ... cujas instalações são transformadas em armazéns de trastes velhos. Os próprios meios de informação ao serviço dos senhores confirmam o desprezo destes pelo Povo, ao considerarem incrível que obstáculos "tão insignificantes" sejam atritos para o "progresso".

Reforma, progresso, ... progresso, reforma! Basta de hipocrisia!!!

Henrique dos Santos

Imitando

De que vale o céu azul e o sol sempre a brilhar
se o dinheiro não chega: fui obrigado a emigrar
Não suportei o regime: prefiro dizer NÃO
Partir para longe, muito longe, ganhar o meu pão
Só quero que isto mude, por nossa liberdade
Porque já chegam quarenta anos de escravidão
De que vale a minha boa vida, se os outros não a têm
É preciso que façamos com que os outros vivam também.

Não suporto mais a pátria longe de mim
Quero fazer a revolução para que sejamos livres
E todos os que não disseram sim.

Os que lá ficaram pedem todos a Deus
Que sejamos felizes, nós que andamos por causa do pão
NÃO! Não vale a pena toda a vossa oração.
Pois ficais a saber, Povo crente e bom,
O culpado não é Deus:

A culpa é dos assassinos que governam a nação!
(Marimba)

EMBAIXADA DE PORTUGAL ATACADA por um grupo de jovens que lançaram cocktails de Molotov contra o edifício, 3, rua Noisiel (16e). Um princípio de incêndio foi rapidamente extinto. O "Comité revolucionário franco-português" reivindicou este atentado, indicando que se propunha manifestar assim contra o colonialismo de Lisboa. (Le Figaro 27 - 2 - 71)

NOTA DA REDACÇÃO: Jornal do Emigrante desconhece este grupo.

Basta de Escândalos

do nosso correspondente em Portugal: ZÉ GIL

Está muito em voga, no nosso país o termo "liberalização" e mesmo o de "apolítico". Certos indivíduos lançam um grito de alarme, logo que alguém se recusa a aceitar como boas todas as manobras que se fazem ao nível de escritório. Grita-se: "aquí-del-rei que são comunistas, porque são uns políticos, inimigos da pátria". Ora este palavriado não passa de mera fantasia para encobrir que eles próprios são culpados dos aumentos dos preços, dos impostos, da falta de alojamentos e de outras dificuldades que dia a dia caem sobre o corpo dos trabalhadores.

Esta propaganda, na rádio, televisão e jornais, não passa duma máscara para encobrir os verdadeiros inimigos do povo.

É, pois, necessário que a verdade seja conhecida de todos. Que saibamos que dois grupos de patrões se afrontam para a posse do governo, em Portugal; um o do senhor Marcelo Caetano, outro o do senhor Franco Nogueira. Ambos eles se servem do povo e tentam passar por cima dele para servirem os seus interesses. Nenhum destes senhores, lacaio do imperialismo se interessa pelos verdadeiros interesses do povo. Um, Marcelo, faz "conversas em família" através da televisão, nas quais deita farinha nos olhos do povo, roubando a este os filhos para a guerra e lançando impostos cada dia mais pesados. O outro, Franco Nogueira, percorre o país propagando o fascismo-ideologia de Hitler e Mussolini.

É preciso que o povo português tome consciência do perigo e sem mais demoras diga: **BASTA DE ESCÂNDALOS E DE HIPOCRISIA; QUEREMOS QUE ISTO MUDE!**

LÊ E ASSINA
"JORNAL DO EMIGRANTE"

POVO NEGRO E TRISTE

Povo negro e triste por tanto tempo oprimido estar
quarenta anos gramou a política do salazar
mas a coisa não acabou ainda
há outro que a segue
e quando será finda?
o povo negro e triste pede
eles não querem saber o que o povo negro diz
temos que fazer com que ele seja feliz
acabar com esta prisão que o governo lhe dá
fazer uma revolução e acabar com o governo que lá está
fazer uma revolução que nos liberte também
acabar com os capitalistas que são cúmplices também

Faustino Marimba



COMO RECEBER O JORNAL

Preço de cada número 1 F
Doze números 10 F

NOME:

MORADA:

Desejo receber « JORNAL DO EMIGRANTE »

Enviar este boletim a:

JORNAL DO EMIGRANTE-Foyer-Ecole, 9 R. de la Cossonnerie-Paris 1^{er}